

Diário de Petrópolis, 14 de fevereiro de 2022.

## **O Impacto da Geopolítica nas Cadeias Globais de Valor e na Economia Mundial**

Por: Ronaldo Fiani

No artigo do domingo passado escrevi: a geopolítica internacional, especialmente o confronto entre China e Rússia por uma lado, e Estados Unidos e OTAN por outro, ilustrado pela tensão em torno da Ucrânia, oferece uma nova ameaça à estabilidade global e uma possível nova fonte de custos de transação nas cadeias globais de valor. Concluí então: Aparentemente, os anos tranquilos da globalização para as cadeias globais de valor ficaram para trás. As empresas no Brasil e no mundo terão de repensar as estratégias para suas cadeias produtivas. Hoje vamos aprofundar esta conclusão, que deve ter forte repercussões na economia mundial, e assim na economia brasileira.

Para entendermos este prognóstico desfavorável, é preciso entender como as cadeias globais de valor se expandiram a partir dos anos 1990. Esta expansão teve alguns determinantes tecnológicos importantes: a difusão da internet, que acelerou os contatos entre fornecedores e clientes a uma velocidade até então inimaginável (basta comparar a velocidade de um e-mail com a correspondência do correio tradicional), e permitiu assim que contratos fossem fechados e ajustes fossem feitos rapidamente, mesmo que o fornecedor ou o cliente estivesse do outro lado do mundo.

Outro determinante importante das cadeias globais de valor foi a expansão internacional dos grandes bancos (também facilitada pela internet) a partir dos anos 1990, que permitiu que os pagamentos entre clientes e fornecedores ao longo das cadeias globais ocorresse de forma tranquila e sem maiores problemas. Esta expansão também permitiu que as empresas que comandavam as cadeias investissem os lucros acumulados nos vários mercados pelo mundo afora a qualquer momento, onde quer que achassem mais conveniente, fazendo circular os resultados financeiros de suas vendas no mundo, em vez de ficar com os seus lucros “presos” no mercado de um país, onde as possibilidades de ganho eram mais limitadas.

Todos estes fatores contribuíram para que grandes empresas adotassem amplamente o offshoring em suas cadeias de valor, ou seja, a contratação de fornecedores estrangeiros (leia-se asiáticos, em particular chineses) em substituição ao que a própria empresa já produzia antes, ou comprava de um fornecedor nacional. O resultado deste movimento crescente foi a desindustrialização e o desemprego em várias regiões industriais, tanto nos países em desenvolvimento como nos países desenvolvidos, incluindo os Estados Unidos (Detroit talvez seja o caso mais emblemático).

Pois bem, todos estes incentivos econômicos à construção das cadeias globais de valor foram viabilizados por importantes mudanças políticas no cenário global. Este é o ponto que quero destacar neste artigo: sem estas mudanças políticas, nada disso teria sido possível. Estas mudanças foram fundamentalmente duas: o colapso da antiga União Soviética (URSS) e de seus aliados na Europa Oriental no final dos anos 1980 e começo dos anos 1990, e a abertura da China ao investimento estrangeiro um pouco antes (no final dos anos 1970).

O colapso da antiga URSS e de seus aliados na Europa Oriental abriu novos mercados (antes fechados para os “países capitalistas”) e provocou um “efeito dominó” com relação a seus aliados na África e na Ásia, alguns deles se tornando fornecedores para as cadeias globais de valor. Mas o principal efeito foi reduzir as tensões globais em um nível jamais visto desde o final do século XIX. Esta tranquilidade no cenário global permitiu que os fluxos comerciais e financeiros se expandissem de forma inusitada, o que foi e tem sido essencial para sustentar as cadeias globais de valor. Já a abertura chinesa à economia global forneceu simultaneamente mercados e fornecedores locais para as cadeias globais em escala inédita, permitindo lucros que superaram as previsões mais otimistas.

Portanto, o funcionamento e a lucratividade das cadeias globais de valor não são apenas um resultado econômico: são também um resultado do ambiente político global. Este ambiente, contudo, vem se deteriorando a olhos vistos: aumento da presença militar norte-americana na Ásia, conflitos sobre o Mar do Sul da China (essencial para a passagem das mercadorias chinesas), confrontos dos países membros da Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN) com a Rússia, protecionismo comercial dos Estados Unidos (a partir do governo Trump), boicote norte-americano à Organização Mundial do Comércio (OMC) etc.

Todos estes desdobramentos sugerem um ambiente global bem menos favorável às cadeias globais do que aquele que vigorou entre 1990 e 2010.

A pandemia vem demonstrando a vulnerabilidade das cadeias globais de valor a crises, e o horizonte internacional está repleto delas, algumas bastante agudas, como a crise entre a Rússia e a OTAN por conta da Ucrânia. É urgente que as empresas repensem suas cadeias globais de valor, e que o Brasil se prepare para esta reorganização global da produção.

Link para a matéria original:  
<https://www.diariodepetropolis.com.br/integra/ronaldo-fiani-204896>